

Os ciclos do governo Sarney

31 DEZ 1985

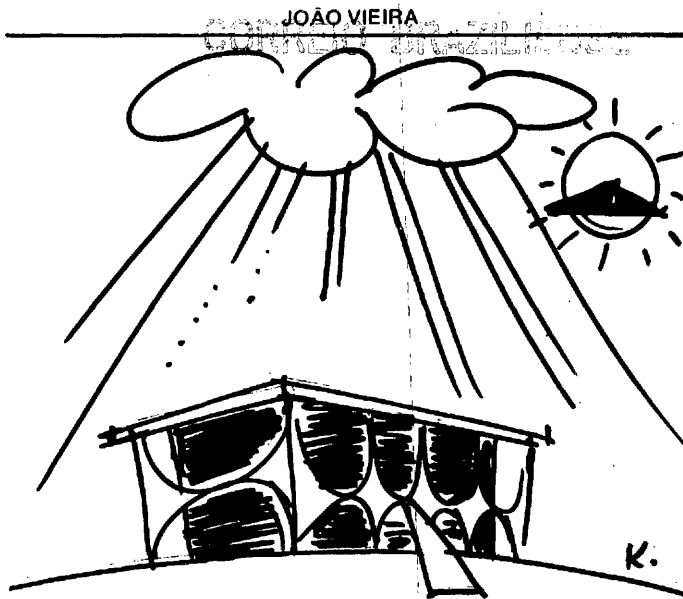
A gestão Sarney poderá cumprir-se em ciclos cuja sequência e perfil podemos projetar baseando-se em tendências observadas em seus tempos iniciais, bem assim nas reações contrapostas ao jogo das pressões.

Devemos sublinhar inicialmente dois dados significativos da imagem pública do Presidente, quais sejam: a sua condição de político de carreira, de um lado, e de outro, a sua qualidade de escritor e, sobretudo, poeta. Ressalte-se, ainda, a característica de poeta-repentista, ou seja, da arte em código de povão.

Com todos os ingredientes para uma vida pública de sensibilidade aguçada Sarney recebeu, para presidir, a sociedade brasileira unificada pelo sentimento de esperança de um bem divulgado projeto político e a grande dor sobrevida ao calvário e desaparecimento de seu maior artífice e símbolo que foi Tancredo Neves.

Assim, recebeu Sarney as massas por herança política, em fase de comunhão nacional em torno dos rituais da comunicação, oficiados por expressões consagradas do setor.

Com a "bossa" ou tarimba de repentista e sua vivência de homem público profissional, Sarney se fez aceitar pelas massas e toda a comunidade angustiada a propósito dos infaustos acontecimentos. Não haverá muito exagero em afirmar que Sarney recebeu as massas das mãos dos artistas ligados ao projeto político de Tancredo; e não terá sido por acaso que, ao anúncio de seu passamento, seguiu-se a execução do Hino Nacional em arranjo incomun, interpretado



por uma artista popular.

Anote-se, então, que Sarney-Presidente em seus tempos iniciais ocupou-se das massas ao ensejo da oportunidade em que as recebia como legado, enquanto herdeiro político de intensa mobilização cívica.

Colocado o novo quadro, abriu-se o primeiro ciclo que a nosso ver se caracterizou pelo atendimento e dispêndio de atenções às elites ornamentais do País. As mesmas das quais recebera o comando das massas e mais o segmento dos confrades-escritores e poetas.

Este ciclo deve estar se encerrando, pois já se vê com certa impaciência o gasto do tempo presidencial em encontros com celebridades dos meios artístico-culturais ou movimentação em torno dos problemas do setor. O discurso apresentado à Assembléa

Geral da ONU, evento em que o próprio Presidente se projetou como expoente cultural, parece representar o marco-limite dessa fase.

Ao ciclo da maior atenção às elites ornamentais deve seguir-se o do predomínio do atendimento aos expoentes dos setores produtivos. Será o tempo das lideranças classistas, tanto as da área patronal quanto dos empregados.

Será a fase do esquadramento estrutural do País. Do reconhecimento recíproco entre Governo e instituições civis do âmbito privado. Do aforamento da verdade convidencial e ajuste entre as partes. Fase do vale quanto pode e do pode quanto vale. Deve ser este o período de remanejamento ministerial e caracterização definitiva do perfil da equipe da era Sarney.

Encerrado o ciclo da maior atenção às elites produtivas, deverá entrar em pauta o atendimento às elites decisórias. Trata-se de expoentes do comando financeiro e político da Nação. Das altas expressões dos controles econômico, social e institucional. Tempo do pleito dos caciques setoriais e regionais e da cobrança qualificada do desempenho do Governo. A essa época deverá estar se aproximando a fase sucessória e os posicionamentos já começarão a acontecer. E um período em que todos os setores dirigentes estarão mais atentos, especialmente aqueles imbuídos do mister de guardiães dos valores e da ordem.

E de supor-se que o Presidente também tome o seu posicionamento em face do panorama político-eleitoral e deverá abrir seu quarto e último ciclo: o da sintonia mais direta com as massas para as quais se voltará, utilizando-se dos seus talentos de bardo, com a rítmica de estrofes inspiradas ou frases de efeito em seus discursos.

Nesse quarto e último ciclo, o Presidente-escritor, amigo das artes e dos artistas, admirado pelos seus singulares talentos, poderá valer-se das elites ornamentais como garfo ou anzol das manobras objetivando a pesca das massas.

Se o Espírito Santo proteger na inspiração e houver habilidade, destreza e sorte na rescapagem, o Presidente será destaque na História e o País contará com mais um totem em sua galeria de heróis sociais.

João Vieira é professor titular de Sociologia da UFMT.